

Práticas naturalistas e feministas. Debate educacional e a construção da carreira de Bertha Lutz na comunidade científica e política das décadas de 1920 e 30.

Lia Gomes Pinto de Sousa*

Resumo:

Analisamos a trajetória da naturalista do Museu Nacional, Bertha Lutz nos anos iniciais de sua carreira, buscando compreender em que medida seu ingresso e atuação na instituição estão relacionados com o contexto de profissionalização e especialização científica no Brasil, e como participou em meio às culturas científicas – também políticas – e formas de sociabilidade. Este movimento, permeado pelo amplo debate sobre as reformas educacionais no país, teria contribuído ou ocorrido em consonância com uma manifestação feminista que reivindicava os direitos à educação e profissionalização. Apoiada em sua inscrição institucional, num momento em que o Museu modernizava seu papel educativo e de divulgação científica a um público amplo, Bertha militou pela educação e profissionalização de mulheres, engendrando gênero e ciências em sua trajetória.

Palavras-chave: Bertha Lutz – Educação – Museu Nacional

Em nossa pesquisa analisamos a atuação da naturalista e feminista, Bertha Júlia Maria Lutz (1894-1976) nas questões sobre educação feminina, apoiada em sua inscrição institucional no Museu Nacional¹. Focalizamos os anos iniciais de sua carreira, nas décadas de 1920 e 30, buscando compreender em que medida seu ingresso e sua atuação naquela instituição estão relacionados com o contexto de uma fase de profissionalização e especialização científica de início do século XX no Brasil. E como, assim, participou em meio às culturas científicas – também políticas – e formas de sociabilidade de então. O tema educacional foi centro de intenso debate público da época e esteve presente entre os interesses de diferentes segmentos da sociedade: cientistas em busca da divulgação e legitimação de seus trabalhos, e uma vertente do movimento feminista que defendia a emancipação de mulheres através de sua instrução.

A educação, para uma parcela de intelectuais, da qual Bertha também fazia parte, era defendida como a forma mais acabada de promover a evolução dos indivíduos e, por

* Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo de Cruz – Fiocruz (mestranda/ bolsista CAPES).

¹ As principais fontes documentais que utilizamos encontram-se nos acervos do Museu Nacional (SEMEAR- Seção de Memória e Arquivo. Fundo “Bertha Lutz”) e do Arquivo Nacional (Fundo “FBPF”), dentre outros.

consequente, o Progresso da nação. As questões sobre o desenvolvimento do sistema escolar ganham centralidade nas discussões públicas na década de 1920, e passam a ser pautadas por um crescente interesse governamental, principalmente no regime varguista, a partir de 1930. Nessa ótica, objetivamos também avaliar o papel do Museu Nacional como instituição-chave nesse processo histórico em que, além de marco na consolidação da categoria profissional dos cientistas, abriam-se as portas às mulheres nos espaços formais de ciências, ainda que restrita e lentamente. Neste que era um *locus* privilegiado de formação de naturalistas, focalizamos especialmente a orientação educativa do Museu na época, dedicando-se à instrução pública e divulgação científica, a qual foi reforçada e levada a cabo durante a direção de Roquette-Pinto na instituição (1926-1935).

Bertha Lutz nasceu em São Paulo, mas passou a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro onde trabalhou como botânica e zoóloga no Museu Nacional (ingressando em 1919 através de concurso público para o cargo de secretário) e como colaboradora no Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Simultaneamente, militou como líder de um feminismo que contou com sólida base institucional e, inclusive, de projeção internacional. No mesmo ano que ingressa no Museu, funda a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher que, em 1922, transforma-se na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), a principal instituição de agremiação de mulheres até a década de 1970 no país, e de onde derivam diversas outras associações.

Suas principais reivindicações desde o início de seu ativismo eram os direitos à educação e profissionalização feminina, além do sufrágio. No plano político *stricto sensu*, após liderar a conquista do voto feminino decretado em 1932, ofereceu sugestões à elaboração da Constituição promulgada em 1934, e foi Deputada Federal de julho de 1936 até o fechamento do Congresso, em novembro de 1937.

Filha de Adolpho Lutz, microbiologista consagrado, e de Amy Fowler, enfermeira inglesa, Bertha pôde concluir seus estudos secundários e superiores na Europa, onde se formou em Ciências Naturais pela Sorbonne em 1918, e também travou seu primeiro contato com o movimento feminista internacional. Reconhecemos a importância de seu pertencimento a uma classe social privilegiada, principalmente no acesso à educação. Consideramos também o vínculo paterno um fator decisivo em seu rápido ingresso, socialização e mesmo aceitação em meio à comunidade científica – o que não significa destituí-la do protagonismo em sua própria trajetória.

Mais que um dado de acesso automático no mundo da ciência, configura-se num ponto de partida para buscarmos compreender como ela se utilizou das oportunidades e experiências

que essa filiação lhe podia proporcionar. Acompanhar as pesquisas e excursões do pai ou mesmo relacionar-se com a instituição onde este trabalhava – o Instituto Oswaldo Cruz, referência nacional em pesquisa científica – foram iniciativas suas que lhe renderam o desenvolvimento de suas habilidades e, ao menos em parte, a construção de sua carreira. Imediatamente de volta ao Brasil, em 1918, Bertha é contratada como tradutora pelo IOC onde simultaneamente auxiliava Adolpho em seus trabalhos, e continua a fazê-lo até o fim da vida deste, mesmo enquanto funcionária, e com o consentimento, do Museu Nacional.

Em nossa investigação na trajetória de Bertha Lutz, duas frentes de pesquisa se abrem, relacionadas à temática da educação e profissionalização: a botânica e a museologia as quais, acreditamos, guardam um engendramento entre suas atividades científicas e feministas. Enquanto cientista, assim como seus pares, Bertha dividia seus esforços entre as atividades de pesquisa (excursões, coleta e determinação de material botânico, observações, etc.) e a divulgação dos trabalhos a um público amplo – sendo a museologia uma área especial para isso. Enquanto feminista, exercia ela própria os direitos a uma carreira profissional e empenhava-se, também no interior da comunidade científica, na expansão dessa realidade às outras mulheres brasileiras.

Como uma orientação teórica geral da pesquisa, pretendemos trabalhar com a noção de *trajetória* que, diferente da ambição biográfica, vale-se de um recorte temático investigando determinados aspectos da vida de um personagem. Por outro lado, a compreensão de seu pertencimento a um contexto de transformações no cenário cultural, educacional e científico brasileiro, e a uma *geração* na qual o papel do cientista está sendo definido e negociado – e ao mesmo tempo também o papel das mulheres na sociedade -, torna a análise de sua trajetória menos compartimentada e melhor relacionada com sua realidade histórica. Além da percepção da presença de Bertha Lutz em ambos os movimentos, é necessário atentar ainda para o contexto político em transformação naquele período, principalmente no que se refere à situação mundial do pós-guerra ou ainda o início da “Era Vargas” no Brasil.

Investigar suas atividades no campo das ciências naturais a que se dedicou inicialmente, a Botânica, pode contribuir no âmbito de uma discussão corrente na historiografia que sustenta ter sido essa área a “porta de entrada” das mulheres nas ciências. As primeiras atividades naturalistas de Bertha no Museu datam de pelo menos 1922 e consistiram na coleta de espécimes florais em excursões diversas, organização de fichas e determinação de materiais, inclusive depositando inúmeros exemplares no Herbário do Museu. Suas atividades nessa área renderam-lhe também algumas publicações em revistas de divulgação científica até 1938, quando passa a publicar com mais frequência trabalhos

zoológicos, ainda que continue dedicando-se às pesquisas botânicas. De 1924 a 1926 teve exercício na seção de Botânica do Museu, foi comissionada como assistente no Jardim Botânico de 1927 a 1930, e em 1937, recém-nomeada Naturalista, assume a chefia da Seção de Botânica do Museu Nacional até o ano seguinte, em substituição ao titular Dr. Alberto José de Sampaio. Embora tivesse ingressado no cargo de secretária, exerceu diversas atividades científicas “em comissão” pelo Museu Nacional.

Concomitantemente à botânica, Bertha atuou na área da museologia que, em termos de carreira técnica, também se encontrava em fase de institucionalização no Brasil. Foi já nesses primeiros anos de sua carreira que, sob incumbência do Museu Nacional e do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (e posteriormente do Min. da Educação e Saúde Pública), dedicou-se a visitar diversas instituições museais estrangeiras (EUA e Europa), com o intuito de com elas aprender novas técnicas e estreitar relações. Em realidade, assim que retornara dos estudos na Europa em 1918 já trabalhara com o pai, de forma oficiosa, na organização do Museu Zoológico do Instituto Oswaldo Cruz onde era contratada como tradutora, até a data de ingresso no Museu (LOPES, 2006a).

Em 1922, tornou-se membro correspondente² do American Museum of Natural History (Nova Iorque), e representou o Museu Nacional no Congresso de Museus Americanos, em Búfalo – convenção anual da qual participará novamente em 1932 em Cambridge, sendo oradora do banquete promovido pela Associação de Museus Americanos (LOPES, 2006b). Em 1945, a notícia de seu retorno após ter participado da Conferência de São Francisco, de criação da ONU, divulga sua reputação consolidada de, entre outras qualidades, “pioneira no desenvolvimento dos museus científicos de seu país e defensora da cultura deste hemisfério”³. Foi uma viagem aos EUA em 1932, que resultou em extenso relatório entregue ao Diretor do Museu Nacional, Roquette-Pinto, que coroou o que consta freqüentemente em meio a sua documentação como “estudos especializados” na “organização de museus e suas atividades educacionais”⁴, entrando em contato, naquele país, com práticas modernizadoras dessas instituições.

² Em 1932 terá um trabalho publicado no periódico dessa instituição, que seria uma tradução de suas observações de campo sobre o tema “Nossos bosques têm mais vida” (s/d): LUTZ, B. “Wild Life in Brazil”. In. *Natural History*. vol. XXXII, no. 6, pp. 539-550. New York: American Museum of Natural History, 1932.

³ *Pan American Airways – Noticiário para a imprensa*. “Depois de atuar em São Francisco, regressa ao Brasil a Dra. Bertha Lutz”. 10/10/1945. (AN. FBPF).

⁴ Ver, por exemplo, documentos pessoais e homenagens constantes no fundo “FBPF” do Arquivo Nacional, ou suas fichas funcionais do Museu Nacional (MN. BL). A experiência da viagem aos EUA, prêmio com o qual Bertha foi laureada pela Carnegie Corporation, foi relatada em documento inédito intitulado “O papel educativo dos museus americanos” (1932), analisado por Lopes (2006b) sob a ótica de gênero.

A sua atuação na área da museologia está em íntima conexão com outro tema muito presente nos debates públicos e no interior das comunidades científicas no país: a educação brasileira, e as sucessivas reformas em todos os níveis de ensino. Focalizar a preocupação de Bertha, e da instituição em que trabalhava, com questões como o “papel educativo” dos museus – além de suas próprias atividades de pesquisa -, pode iluminar aspectos desse processo histórico em que diferentes interesses estão em jogo, como a divulgação dos trabalhos dos cientistas e sua profissionalização por um lado, ou a inserção de mulheres nessa comunidade em consolidação, por outro.

Dentre suas anotações pessoais⁵, Bertha deixa claro a realidade educacional, e mesmo profissional, restrita em sua época no país, tendo gozado ela própria de um privilégio de poucos. “Formada em Ciências pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris (Sorbonne), onde fez o curso de biologia: Botânica, Zoologia – Embriologia, Química biológica, **não existente no Brasil. Além dela só um preparador do Museu tem diploma científico da especialidade a que se dedicou**” (g/n). E também no que se refere à sua experiência internacional na museologia “moderna”, a mesma excepcionalidade é aludida, “tornando-se, pois única especialista nessa organização e métodos, com estudos da especialidade pormenorizados, existente no Brasil”.

É significativa também sua participação no Congresso de Educação em 1922 como delegada do Museu Nacional⁶. Além do empenho do Museu nesse debate, a atuação de Bertha representou também os interesses da liga feminista que dirigia, uma vez que ali defendeu e conquistou a garantia de acesso feminino no Colégio Pedro II, principal instituição de ensino secundário da cidade do Rio de Janeiro, até então restrita aos homens (Besse, 1999). Sete anos depois estaria envolvida com o incentivo às mulheres no nível superior, fundando a União Universitária Feminina em 1929 com a engenheira civil Carmem Portinho, associação que reunia diversas mulheres profissionais, inclusive cientistas.

No Museu Nacional, a atuação de Bertha Lutz durante as gestões de Bruno Lobo (1915-1923), Arthur Neiva (1923-1926) e Roquette-Pinto (1926-1935) na direção, são mais significativas do ponto de vista de suas atividades educacionais, segundo a documentação consultada. Essas gestões primaram por uma missão fortemente educativa do Museu, e

⁵ Arquivo Nacional. FBPF.

⁶ Provavelmente substituíra Roquette-Pinto que, segundo o Livro de Assentamentos, foi convidado para representar o Museu no “Congresso Nacional de Ensino Superior e Secundário, realizado na Escola Politécnica, no centenário da nossa Independência, havendo se desincumbido dessa missão”. BR MN MN.DR Ass.5, Livro III.

principalmente a de Roquette-Pinto, o qual contou com o artifício do rádio⁷ e de uma revista especializada (*Revista Nacional de Educação*, editada pelo Museu de 1932 a 1934), preconizando a difusão da ciência e instrução pública em longo alcance.

Em 1922 Bertha viajara aos EUA em comissão pelo Museu Nacional e ao mesmo tempo participaria da Conferência Pan-americana de Mulheres, em Baltimore, organizada por órgão do movimento feminista norte-americano (Liga das Mulheres Eleitoras/ NAWSA). Desde então Roquette-Pinto, ainda professor da Seção de Antropologia e Etnografia, estava também envolvido com o comissionamento de Bertha, cujos ofícios solicitavam que ela permutasse material científico – especificamente o material etnográfico resultante da Comissão Rondon, com quem Roquette trabalhou –, além de visitar e estreitar relações com os museus norte-americanos, e estudar “sua organização [...] os processos administrativos e sua aplicação ao nosso país, com especial referência à divulgação dos conhecimentos de História Natural e ao papel didático no ensino dos diferentes ramos da mesma”⁸. Também em 1925, durante a direção de Arthur Neiva no Museu Nacional, novamente nos EUA Bertha estudara as “técnicas de preparo e a organização de mostruários de Museus de História Natural, métodos de divulgação da História Natural, bem como a organização de Hortos Botânicos, além de visitar ‘com grande interesse’ os Museus para crianças em Brooklyn e Boston” (LOPES, 2006a: 214).

Ao findar do ano de 1931, vestígios de sua contribuição nesse sentido aparecem nos ofícios do já diretor Roquette-Pinto, em que este remete à 5ª. Seção – História Natural (Serviço de Assistência ao Ensino) “uma série de jogos educativos” que teriam sido oferecidos por ela ao Museu (MN. Of.556. 23/dez./1931). Uma questão a ser melhor investigada é justamente a relação dessa seção, dedicada à divulgação científica, com a atuação de Bertha no Museu, ainda no cargo de secretária. Segundo Lima e Sá (2005), Serviço de Assistência ao Ensino foi fundado pelo próprio Roquette durante sua gestão na direção, inaugurando um “auditório equipado para aulas de história natural, com projetor de slides e de filmes, onde ocorriam cursos e conferências”. Intentando “fazer da instituição um museu escolar”, Roquette contaria com a contribuição de muitos de seus colegas, nos quais inclui-se Bertha Lutz.

⁷ Roquette-Pinto criou em 1923 a Rádio Sociedade, primeira emissora radiofônica dedicada à educação e divulgação científica.

⁸ AN. Ofício n° 256 (Diretor Dr. Bruno Lobo) e Of. n° 257 (Professor Dr. Edgard Roquette Pinto, seção de Antropologia e Etnografia). Ambos de março de 1922, explicitando as funções a que Bertha Lutz se encarregaria nos EUA.

Além disso, “estreitar relações” com instituições internacionais congêneres vinha sendo um interesse freqüente do Museu Nacional e do próprio Ministério a que se subordinava, desde alguns anos. Na ocasião da viagem aos EUA em 1922, paralelamente – mas não tão distante – aos objetivos “educativos” do Museu, recebera recomendações diretas do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Deveria “visitar e estudar os principais estabelecimentos de ensino de trabalhos manuais e de economia doméstica, quer os privativos de cada sexo, quer os filiados no regime de co-educação, tão generalizado na pedagogia norte-americana”. Em acervos documentais diferentes notamos que, além dessa incumbência em 1922, Bertha também serviu ao Ministério com essas funções em 1923 na Europa e em 1925, novamente nos EUA, apresentando os respectivos relatórios que versavam sobre o ensino doméstico e rural – tema que a bibliografia mostra ter sido de interesse das reformas escolares promovidas isoladamente na década de 1920 no Rio de Janeiro (Nagle, 1978).

Sempre acompanhadas de participações em congressos feministas, tais viagens renderam a construção de uma ampla rede de relações, incluindo pesquisadores e instituições estrangeiras, principalmente museus de história natural ou organismos internacionais de pesquisa como o Smithsonian Institution. Principalmente a partir de 1922, como na viagem que fizera aos EUA, Bertha Lutz expande seus contatos tanto feministas como científicos naquele país, incentivada pelo Museu Nacional, que objetivava justamente “estreitar relações” com diversas instituições estrangeiras. O momento, marcado pelo início da hegemonia norte-americana no pós-guerra, aponta para uma orientação da ciência – e também do movimento feminista – que vinha se fazendo no Brasil cada vez mais com referência nos EUA. Da mesma forma a inclinação de Bertha na área de organização museológica, parece seguir uma orientação didática e “democrática”, proposta norte-americana inovadora em relação à tradição européia (BENCHIMOL; SÁ; et alii, 2003).

Além disso, indícios instigantes da colaboração da comunidade científica com os movimentos de mulheres deverão ser melhor investigados. Um exemplo é a ocorrência de conferências feministas anexadas aos próprios congressos científicos, como em 1924 em Lima⁹, apontada no acervo da FBPF. O panamericanismo e a organização criada em torno desse ideal (União Pan Americana), incentivados pelos EUA e agremiando agentes diversos, também devem ser considerados na intrincada rede de relações de Bertha em que feminismo e ciências figuram juntos. Em 1925, a Conferência de Mulheres em Washington fora sediada por essa União, a mesma que, junto com a Associação Americana de Museus, intermediou a

⁹ AN. FBPF. “Memória apresentada à II Conferência Pan-Americana de Mulheres, anexa ao II Congresso Científico Pan-americano (Lima, 1924)”.

premiação de Bertha com a viagem oferecida pela Carnegie Corporation e Endowment for International Peace, para estudos dos museus norte-americanos.

Referências bibliográficas:

ALVES, B.M. *Ideologia e Feminismo. A luta pelo voto no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

AZEVEDO, N. e FERREIRA, L.O. “Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil. Educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940”. *Cadernos Pagu* (27). Unicamp, 2006.

BESSE, S.K. *Modernizando a Desigualdade. Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. 1914-1940*. São Paulo: EDUSP, 1999.

BENCHIMOL, J.L., SÁ, M .R., et alii. “Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz”. *História, Ciência, Saúde- Manguinhos*. Vol.10, n.1. 2003.

DUARTE, R.H. “‘Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte’: a *Revista Nacional de Educação* e a divulgação científica no Brasil (1932-34)”. *Hist., cienc., saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, 11(1): 33-56, jan.-abr./2004.

LOPES, M.M. “‘Vencer barreiras’, até quando? Aspectos da trajetória científico-política de Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976)” In. SANTOS, L.W.; ICHIKAWA, E.Y.; CARGANO, D.F.(orgs.) *Ciência, Tecnologia e Gênero: Desvelando o feminino na construção do conhecimento*. Londrina: IAPAR, 2006a

_____. “Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais”. *Musas. Revista Brasileira de Museus e Museologia*. IPHAN/ Departamento de Museus e Centros Culturais: 2006b, n°2

_____. ; SOUSA, L.G.P.; SOMBRIO, M.M.O. “A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976)” *Gênero*. Niterói: EdUFF, 2004 (2ºsem.). Vol.5, n.1, pp. 97-109

LIMA, N.T.; SÁ, D.M. “Roquette-Pinto: ciência e humanismo no Brasil do século XX”. In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História - História: Guerra e Paz*. Londrina, 2005

NAGLE, J. “A educação na Primeira República”. In. FAUSTO, B.(org.). *História Geral da Civilização Brasileira III. O Brasil Republicano..* Difel/ Difusão Editorial S.A, 1978

SÁ, D.M. *A Ciência como profissão. Médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006